

O signo **aberto**

POR AMÁLIA SAFATLE E MAGALI CABRAL FOTO BRUNO BERNARDI

Ele frequenta centros espíritas, candomblés, sinagogas, mesquitas, igrejas católicas e as pentecostais.

Mas não tem religião. O historiador **Leandro Karnal** acredita que entre as coisas mais definidoras das sociedades humanas está a expressão religiosa, daí seu interesse “estrutural, antigo, histórico, pela questão”, diz nesta entrevista concedida no fim de maio, na Casa do Saber, em São Paulo.

Por ser um signo aberto, em que tudo cabe – pode-se destruir ou salvar vidas em nome de Deus –, a religião, a seu ver, sempre terá mais adeptos que a ciência, pois é pouco mutável. E ainda oferece todas as respostas que o ser humano quer, suprimindo a carência de encontrar sentido onde não tem e preencher o vazio deixado pelo fim das utopias do século XX. Para Karnal, tanto a espiritualidade como as religiões institucionais estão em um momento pendular de ascensão, exercendo grande influência sobre o imaginário e a vida material. Podem ser usadas, portanto, como instrumento poderoso de conservação ambiental.

Em que consiste o curso que o senhor dará até julho, “O Sagrado e O Profano”?

Tenho dado muitos cursos aqui na Casa do Saber para tentar entender que existe uma espiritualidade, uma noção de sagrado e de profano que é muito anterior, muito mais estrutural que a noção de religiões institucionais. As religiões institucionais estão em um excelente momento, tanto em presença midiática como no aspecto financeiro. Parece haver uma tendência de mostrar que estamos em um momento de materialização, mas a espiritualidade é tão fluida, tão líquida e tão adaptadora que neste momento de materialidade existe uma teologia da prosperidade, de busca de espiritualização do material. Então o curso fala disso, de estudar o ser huma-

no a partir da sua pretensão metafísica, ou seja, de que esta vida tem uma realidade além dela, de que existe um plano superior, protetores, Deus, ou seja, as formas que cada um decidir dar a essa questão.

E por que o sagrado e o profano? Temos essa dualidade?

Como brinca o [José] Saramago no *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, não existiria Deus sem o Diabo. É fundamental para definir o sagrado a existência ou a possibilidade do profano. As religiões sempre trabalharam com a ideia de um perfeito inimigo de Deus, de um plano oposto, especialmente as religiões monoteístas, como o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo.





Que fio condutor existe entre as várias religiões e qualquer outra manifestação de busca pelo sagrado? Esse fio é a essência? Para algumas é a alma?

Grosso modo, existem duas escolas a esse respeito. A fenomenologia, cujo principal nome é Mircea Eliade, já falecido, é aquela que busca aproximar todas as expressões do sagrado: aproximam o xamã da Sibéria de um pajé tupi e de um sacerdote jesuíta. E existe uma escola histórica, principalmente a romana, para a qual cada expressão é única e até que a palavra “religião” não pode ser usada em todos os casos, já que vem do verbo “religar”, e religar pressupõe que houve uma unidade anterior a ser restaurada, como a queda do homem do Paraíso. E nem todas falam nisso. O grande contraponto a isso é o pensamento budista, que não tem alma, não tem Deus e não trabalha com a ideia de sentido. É difícil falar em religião além dessas três unidades, que concentram a maior parte da humanidade, porque há mais de 2 bilhões de cristãos no mundo, 1,6 bilhão de islâmicos e provavelmente 15 milhões de judeus.

A espiritualidade pode ocorrer mesmo entre quem é laico?

O laico não se opõe ao religioso, o laico se opõe ao clerical. Essência é um pensamento típico de uma religião metafísica. Espinosa nos ensina que corpo e alma são apenas uma coisa. Separar perfeitamente corpo e alma e entender que a essência é a alma é uma postura dominante entre certas teologias cristãs. O corpo não pertence a este plano, é uma casca, é um veículo que serviu para sua alma voltar a esse mundo, caso do reencarnacionismo cristão, como o kardecista, ou para existir uma só vez, caso do Catolicismo. Você não necessita de religião institucional para estabelecer espiritualidade. Há muitas pessoas fora desse sistema que estabeleceram densa espiritualidade.

Há mais anticlericais do que ateus. O ateísmo é sempre um fenômeno raro, definido pelos estudiosos como branco, urbano, masculino e bem-sucedido. Entre os ateus, há raras mulheres, pobres, grupos étnicos indígenas e camponeses. Se você depender dessa chuva [aponta para a janela] para salvar um ano de trabalho, sua crença em Deus aumenta. Para você essa chuva significa apenas pegar um guarda-chuva, mas para o camponês pode estragar ou possibilitar um ano de trabalho. Quem depende diretamente da terra tem pouca tendência a manifestar crenças racionais. O feminino, envolvido na criação da vida, raramente é ateu. O masculino

estabelece certa arrogância, ou autonomia ou orgulho para poder exercer domínio ou controle sobre as coisas. E quando eu sou bem-sucedido e tenho um plano de saúde que dá acesso ao [Hospital Albert] Einstein, tendo a confiar mais nele do que nos outros. Mas é um erro considerar que a religião ocupa apenas o espaço da carência, posto que a religião hoje cresce entre classes altas e bem-sucedidas, conforme uma pesquisa recente. A religião está em uma das fases pendulares de crescimento.

Por que o crescimento é pendular?

O século XIX foi um dos grandes momentos de crise da religião. Desde o fim do Iluminismo até o século XIX, acreditava-se que o futuro seria sem Deus, com o surgimento das vacinas do Dr. [Edward] Jenner, os métodos químicos pelo Dr. Pasteur, a psicoterapia. Até o século XX, os medicamentos psicoterápicos expulsariam a mediunidade, a possessão e assim por diante. A racionalidade encerraria qualquer esforço religioso. A ideia “Deus está morto” era muito forte no século XIX, por exemplo em Nietzsche. Outro momento de esvaziamento das religiões institucionais é a década de 1960, em que se nega a espiritualidade ocidental e se reforça a oriental – ir para Katmandu, purificar os sons na Índia como fizeram os Beatles, valorizar o Budismo. Ninguém aqui supunha o que estava ocorrendo em Mianmar, que os budistas pudessem ser fundamentalistas e estivessem massacrando islâmicos. Ninguém supunha que a sociedade hindu tem violências estruturais. Quando a religião é do outro, sempre parece melhor.

Como as religiões podem estar em alta neste momento de crise das instituições?

Estamos em um momento bem claro de esvaziamento de instituições. A maçonaria, por exemplo, perdeu um número expressivo de membros. Mas as instituições religiosas não vão mal, pegando o caso brasileiro do crescimento das neopentecostais. E um pequeno mas crescente movimento de valorização do islamismo, não apenas por imigração mas por conversão, tenderá a crescer entre as classes baixas brasileiras. O islamismo será um elemento de enfrentamento em breve das neopentecostais.

Na Igreja Católica, voltam as crescer as vocações, os padres que cantam estão em moda e entre os livros mais vendidos estão coisas como *Kairós*, do Padre Marcelo. Movimentos como a Marcha para Jesus, organizada pela Igreja Renascer em São Paulo, crescem bastante. As igrejas pentecostais se organizam politicamente; a Católica sempre se organi-

zou. O espaço que o papa Francisco ocupa na mídia é notável. A eleição do presidente dos Estados Unidos, homem mais poderoso do mundo, não ocupa o mesmo espaço midiático que a eleição de um papa.

E, fora isso, há uma espiritualidade difusa, aliada a um certo esoterismo, de práticas mágicas. Há 50 anos, quase ninguém se vestia de branco no Ano Novo. A influência dos cultos afro-brasileiros e a devoção a Iemanjá ou Oxalá no Ano Novo faz com que o branco se torne uma cor dominante. Hoje o Ano Novo tem códigos esotéricos mais complicados. Você tem de usar uma roupa de baixo vermelha para o amor, uma amarela para o dinheiro, tem de pular as sete ondinhas, guardar sementes de romã. As pessoas estão cada vez mais com amuletos, cresce o mercado de fitas do Bonfim. As pessoas adotam práticas mágicas, não necessariamente religiosas, como Nhoque da Fortuna todo dia 29 e, quando sobem no avião – eu pego avião toda semana –, uma parte expressiva faz o sinal da cruz. Agora, o que existe hoje é uma customização de Deus, cada um cria um Deus à sua imagem e semelhança. Eu faço o meus Deus, eu faço as minhas regras.

Isso não contradiz a sua afirmação sobre o fortalecimento das religiões institucionais?

Não, porque as pessoas não veem contradição em serem, por exemplo, católicas apostólicas romanas, declararem isso ao IBGE, e não aceitarem a infalibilidade do papa, a virgindade de Maria e o pecado contido no ato de usar a camisinha.

O que explica a alta do movimento pendular neste ponto da História?

Provavelmente o colapso de todo e qualquer sistema de explicação universal no século XX e todas as utopias, como o socialismo. E mesmo o liberalismo mais vitorioso, dessa *Pax Americana* a partir da era Bill Clinton, não é algo que deixe as pessoas satisfeitas. O único sistema explicativo geral, ainda válido, é o religioso. O pensamento teológico é tão forte que as teologias se transformaram. Vou dar três exemplos. A primeira teologia é a da prosperidade: Deus me ama e por isso comprei uma casa própria, é o que povoa as religiões neopentecostais. A segunda, muito forte desde a década de 1930, é a autoajuda: o que eu penso acontece. Isso é o mais fabuloso, porque

só pessoas esquizofrênicas ou crianças em idade pré-operativas, antes de 5 anos, acham que o que pensam acontece. “Não fala de acidente que atrai”. Ou seja, se acham em parte deuses, a palavra tem força, a palavra cria. É uma crença patológica, que em outras épocas levaria à internação, mas hoje é considerada pensamento positivo. E a terceira, que não fala de Deus, mas tem um pensamento teológico total, é o empreendedo-

rismo, a ideia de que, se você tiver energia, será bem-sucedido, o sucesso depende só de você. Há livros sobre esse universo com linguagem totalmente religiosa, “O Paraíso do Empreendedor”, “Os Dez Mandamentos do Empreendedor”.

A religião é mais forte

que o empirismo, que a busca da verificação do real. Poderia haver uma etiqueta *Made in China* no Santo Sudário, que as pessoas continuariam acreditando nele. As pessoas vão a famosos médiuns que fazem operações pelo espaço, como João de Deus em Abadiânia (GO), as pessoas continuam com câncer, morrem e a fé continua. Isso é notável. Isso não é a irracionalidade da religião, mas a sua própria lógica. Este é um dos grandes dramas da ciência. Não posso chegar a um enterro e dizer à mãe que perdeu um filho – tragédia máxima da nossa cultura – que seu filho é constituído de moléculas de carbono e que tudo que é de carbono um dia desaparece, e a senhora também. Eu tenho de dizer: “Seu filho morreu cedo porque Deus chama os bons e ele é um anjo agora, está nos vendo, a senhora vai se reunir com ele em breve e ele está em um lugar em que não sofre”. Isso seca uma lágrima.

A religião é algo que vem preencher vazios e carências, é só isso?

Tudo preenche vazios, compra em shopping, kama sutra, sexualidade, religião. Do ponto de vista técnico, a vida não tem sentido algum e a religião é irracional. Mas isso, para mim, é a força da religião, porque a razão é mutante. Veja: o ovo estava proibido há 15 dias. Esta semana ele não dá mais colesterol, está liberado, e isto é ciência. A ciência oscila porque as explicações científicas mudam. Os médicos um dia já prescreveram sanguessugas. Já a religião diz permanentemente a mesma coisa. “Deus te ama, você é precioso, tem uma parte imortal”, esse discurso é muito forte. Não é só isso, é tudo isso.

Em breve, o Islamismo no Brasil será um elemento de enfrentamento das neopentecostais

**Não estaria havendo uma aproximação maior entre ciência e religião?**

Essa oposição perfeita estabelecida pelo Iluminismo que eu pareci demonstrar aqui é antiga. Porque grande parte da ciência de ponta trabalha com coisas um pouco menos objetivas do que possa parecer. É um pouco mais imaginativa. Alain de Botton, ateu militante, autor de *Religião para Ateus*, disse que nós ganharíamos muito se passássemos a usar alguns dos princípios religiosos mesmo sendo ateus. Por exemplo, a humildade do religioso diante do mistério do absoluto e da transcendência, contra a arrogância do cientista que acha que sua razão é o máximo de tudo. Existe muita gente hoje tentando se aproximar. Os religiosos em geral fazem concessões aos dois lados: vão a João de Deus e continuam com a quimioterapia. É muito curioso esse jogo duplo.

E o papa Francisco fará uma encíclica da mudança do clima [oficialmente publicada em 18 de junho]. Isso é um exemplo de aproximação, já que pelo pensamento estritamente religioso a mudança climática seria algo determinado por Deus?

O papa Francisco expôs um pensamento contido na obra de vários teólogos e filósofos, inclusive Hans Küng, e também a obra do próprio [Leonardo] Boff, que tem escrito muito sobre o pensamento ecológico. Há um outro tipo de interpretação que foi muito construído em cima da figura de Francisco de Assis. Mas a religião é um signo aberto, ou seja, não é nada. Você pode salvar o planeta em nome de Deus e matá-lo em nome de Deus. Os católicos de esquerda reunidos na Comissão Pastoral da Terra liderada por dom Tomás Balduino criaram o Movimento dos Sem Terra. Sob os preceitos dos capítulos 5, 6 e 7 Mateus do Sermão da Montanha, católicos ultraconservadores criaram a TFP, que é totalmente contrária à invasão de terras. Os dois agem em nome de Deus. Se você entrevistar o chefe islâmico Abu Bakr, ele dirá que quer a paz. Ele só está matando infiéis que atrapalham a obra de Alá e que são uma ofensa a Alá. E Alá o mandou fazer isto.

Voltando ao papa, as questões da sustentabilidade podem ter influenciado na atitude que tomou?

Allain de Botton, ateu militante, diz que ganharíamos muito ao usar princípios religiosos

Os jesuítas produziram um pensador no século XX, certamente conhecido do papa Francisco, que é Pierre Teilhard de Chardin, o primeiro grande jesuíta que reuniu Teologia com Biologia. E tentou explicar a evolução dentro de um critério teológico. Teilhard de Chardin não viu qualquer contradição entre Darwin e todos os seus seguidores e o Evangelho. Ele quis mostrar aquilo que em parte hoje a gente chama de um *design* inteligente. A preservação da ecologia já foi tema da Campanha da Fraternidade, há quase 40 anos. A preocupação com a ecologia nas décadas de 70 e 80 nasce aqui no Brasil depois de casos de fetos sem cérebro em Cubatão. São questões ecológicas que vão sendo apropriadas pelo discurso religioso.

Então existe uma permeabilidade entre questões ambientais e religião?

Tem, e este papa tenta adaptar a Igreja ao século XXI. Está fazendo discursos muito claros a esse respeito.

Faz parte de um marketing para ganhar ou não perder adeptos?

Seria uma leitura possível, ainda que maquiavélica. Acho que são as duas coisas. Ele tem uma convicção real de que é preciso fazer isso.

Se a religião está em alta, uma mensagem como essa pode influenciar fortemente decisões ambientais?

Sem sombra de dúvida. Nós estamos em um momento em que a natureza está em alta como discurso e às vezes como prática. Tem mais gente hoje querendo libertar cachorro de laboratório do que presos em prisões. Os temas “Deus”, “cachorros” e “gatos” têm uma popularidade muito grande. Esse é o passo, no fundo, para se pensar um mundo melhor. Está sendo sugerido também porque, com o aquecimento global, tivemos uma consciência inédita de que esta é a primeira geração da espécie humana que pode cometer suicídio global. Essa é uma consciência nova e naturalmente a religião, sendo um signo aberto, também vai passar por isso.

Outras religiões monoteístas também estão atentas para isso?

Bastante! No Judaísmo, por exemplo, a maneira de matar não pode causar sofrimento ao animal. Você não pode torcer o pescoço de uma galinha porque isto é pecado para o judeu. Você tem que decepá-la de uma só vez. Você tem que matar um boi pelo código *Kasher* com uma faca sem nenhum defeito e de uma só vez. O código islâmico Halal também. A ritualização da morte, a diminuição da dor dos animais também faz parte do discurso religioso. Os militantes ecologistas são com frequência pessoas com sensibilidade pelo menos espiritual. Mas este é um campo que está dominando bastante as pessoas, gerando uma redefinição do que vem a ser o ser humano. Uma redefinição do nosso antropocentrismo.

Os códigos religiosos dialogam bastante com a natureza, considerando que Deus se revelou às pessoas predominantemente em desertos. Moisés, Abraão, Jesus, Maomé só tiveram contato com a divindade em desertos. O deserto nos coloca direto em comunicação com a natureza. Diante da vastidão da natureza, o homem entra em êxtase. No livro do Castañeda *A Erva do Diabo*, as experiências com os xamãs é uma experiência de deserto.

A experiência religiosa era tradicionalmente individual e diluída na natureza. É debaixo de uma árvore que Buda se ilumina. É numa caverna que Maomé recebe a iluminação do arcanjo Gabriel. É no deserto que Jesus é servido pela primeira vez por anjos após as tentações do demônio. É no Deserto do Sinai que Moisés encontra a sarça ardente, o arbusto que não se consumia. E é no deserto que Deus diz a Abraão que vai fazer a sua descendência mais numerosa que as estrelas do céu e que os grãos de areia. Há religiões radicalmente contrárias à destruição da natureza, caso do Jainismo. O Jainismo não aceita que as pessoas andem à noite porque podem pisar em insetos sem ver. Exige que se usem máscaras cirúrgicas durante o dia para não engolir um mosquito por acidente. O Jainismo radical não aceita que você arranque uma fruta da árvore porque a machuca, tem que esperá-la cair. Agora imagina 7 bilhões de pessoas no mundo esperando uma fruta.

Não teríamos chegado a 7 bilhões de pessoas no mundo...

É verdade (*risos*)! Teria resolvido um outro problema. Às vezes, por eu ser um cético, pode parecer que eu estou diminuindo a religião, mas apostaria muito no cavalo religioso e pouco no cavalo racional. O cavalo racional sempre será minoritário. É difícil existir em um mundo sem sentido, em que tudo se encerra com a morte. Como amamos as pessoas,

adoraríamos a ideia de que vamos reencontrá-las. Ou de que você terá uma segunda chance e poderá refazer tudo com mais experiência.

A seu ver, é só uma ilusão?

Se você chamar de ilusão como um mal, sim! Mas a ilusão é parte da expressão humana não é? Sexo sem fantasia é fricção. Então você cria sedução, roupas, lingerie, 50 tons de cinza. Eu preferiria dizer que a religião é simbólica, ilusão parece um engano. Sim, ela é um engano, mas não nos esqueçamos de que cientificamente os placebos funcionam. É o que conta o filme *As Aventuras de Pi*. Temos duas possibilidades: ou essa viagem foi com um francês maluco e violento ou foi com animais em uma ilha mágica. O resultado é o mesmo. Nos dois casos, a minha mãe morre. Qual a melhor história? A que consola mais? Mais que uma ilusão eu penso em um simbolismo muito expressivo para falar de quem nós somos. Do que temos. Do que gostaríamos de ser neste mundo.

O senhor não acha que temos algo de sagrado, como resultado de milhões de anos de muita força, de muitas energias?

Absolutamente não. Somos resultado de milhões de forças como uma pedra de basalto, como uma bactéria. Se isso for o sagrado, concordo que somos tão sagrados como as fezes petrificadas de um dinossauro.

No seu curso, qual que é a aceção do sagrado?

O sagrado é um discurso que justifica, ampara, transcende, torna a vida aceitável. É poder ver nesta matéria um sentido.

Em que momento da evolução o homem passou a precisar de um sentido para viver?

No momento em que você abstrai e tem um pensamento de causa e efeito, passa a buscar lógica. A religião pode ser vista como uma profunda necessidade de estabelecer lógica. Com isso, a religião acaba sendo, curiosamente, um impulso de base científica. Ela é aquilo que os nossos cientistas mais buscariam. A teoria que explica tudo. Uma médium me disse que eu usei cabelo para seduzir pessoas em outra vida, e agora eu voltei *sem* que é para eu aprender. Isto é fabuloso. **zzz**

Leia outros trechos da entrevista na sua versão digital em fgv.br/ces/pagina22